

## **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Rodrigues, J. Barbosa. 1888. A Língua Geral do Amazonas e o Guarany: observações sobre o alfabeto indígena. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Suplemento ao Tomo LI, p. 73-110. Rio de Janeiro: Typographia Pinheiro & C.

Permalink: [http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues\\_1888\\_lingua\\_geral](http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1888_lingua_geral)

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, digitalizado pelo projeto Google Books, foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, com o acréscimo de bookmarks, em maio de 2010.

INSTITUTO  
HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO  
FUNDADO EM 21 DE OITUBRO DE 1838

---

HOMENAGEM  
AO SEU  
QUINQUAGENARIO  
EM  
21 DE OITUBRO DE 1888

---

SUPPLEMENTO AO TOMO LI DA REVISTA TRIMENSAL



RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA DE PINHEIRO & C.  
157 Rua Sete de Setembro 157  
1888

# A LINGUA GERAL DO AMAZONAS

E O

## GUARANY

---

### Observações sobre o alphabeto indigena

POR

**J. Barbosa Rodrigues**

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

---

Na « Advertencia » da *Poranduba Amazonense*,<sup>1</sup> tratando das corruptellas que separam o nheengatú do guarany e do tupy escripto, disse que do beato padre José de Anchieta nasceu a corruptella do *abanheenga* ou lingua geral primitiva, o que parece um arrojio meu, tendo sido elle o verdadeiro mestre da lingua ; que deixou a sua *Arte* para servir de guia a estudos posteriores e por onde naturalmente o padre Ruiz de Montoya, e outros se guiaram para escrever os seus trabalhos, e estudarem todos os missionarios daquelle tempo, que eram obrigados a aprender a lingua antes de se entregarem ás missões; porém ligeiramente me justificarei, mostrando agora a corruptella que veiu dos mestres da lingua, pondo de parte alguma influencia phonetica da prosodia indigena. Lá mostrei a differença que ha entre a linguagem dos missionarios, que passa por legitima, e a corruptella que soffreu o nheengatú pela sua influencia e pela das hordas nheengaiabas; aqui

---

<sup>1</sup> Publicada na *Vellozia*, Contr. do Mus Bot. do Amaz., vol. I, pag.

trato do abanheenga ou lingua matriz, comparado com o que nos deixaram os jesuitas, mostrando que feis não foram elles na conservação dessa lingua, porque mais facilmente a ensinariam modificada como escreveram.

Permitta-se-me que para mostrar a prosodia abanheenga, — pelo menos a nheengatú conservada, penso que pura, entre os *tembés* selvagens, e muitos velhos<sup>2</sup> do valle amazonico, principalmente de Santarém, Villa Franca e Solimões, que ainda não deixaram a sua lingua pela do branco, *kariuánheenga*, — eu procure mostrar isso por meio dos sons das letras do alphabeto, tal qual se ouve dos que melhor fallam; para que bem se pronuncie as palavras do vocabulario que escrevi e se possa bem ler as lendas, contos e cantigas que comeci a publicar: e nessa explicação mostro porque differentemente penso dos que até hoje se têm occupado da lingua geral, tupy ou guarany.

O que aqui expendo é o fructo da observação e do estudo proprio, que muitos talvez não admittam; porém como *veritatis simplex oratio*, dou-me por satisfeito si conseguir despertar a attenção dos que melhor possam escrever, deixando os livros e ouvindo os indios, como o fiz e faço. Pelas grammaticas de Anchieta e de Figueira, o alphabeto indigena compõe-se de todas as letras do nosso, menos o *F*, *L*, *S*, e *Z*; comtudo o primeiro não se serve do *K* nem do *V*, emquanto o segundo adopta o *K*. Montoya tambem não emprega nenhuma destas letras, assim como não usa o *I*.

Os dous primeiros servem-se do *J*, emquanto que o ultimo o dispensa, como tambem não usa o *X*, que os primeiros empregam.

E' corrente já hoje e vulgar dizer-se que o guarany e o tupy são uma e mesma lingua. Sendo assim a prosodia é a mesma: e como dispensarem uns, e outros não,

---

<sup>2</sup> Procurei sempre ouvir os maiores de sessenta annos, e com muitas velhas e velhos maiores de cem annos me entendi. Em geral esses velhos não fallam portuguez e vivem retirados pelos sitios, porque não querem fallar o portuguez.

aquellas letras? Quero crer que, devido ás pronuncias das tribus, umas eram mais gutturaes e outras mais nazaes; mas apezar disso, para mim, o verdadeiro abanheenga, aquelle que portuguezes, hespanhoes e francezes ouviram quando a estas plagas aportaram, não foi nem o guarany, nem o tupy, como de ambos nos deixaram escriptos os missionarios. Conhecemos a lingua que por duas fórmas nos deixaram escripta os primeiros mestres, accommodadas na syntaxe á latina, o tupy de Anchieta e Figueira e o guarany de Montoya; mas temos tambem o kiriry do padre Mamiani, os escriptos de outros missionarios, e os de Lery e Ivo d'Evreux, que me serviram para esclarecer a minha opinião. Para mim as letras do alphabeto primitivo foram, sem a influencia da phonetica estranha, estas letras que adopto:

A B D E G H I K M N O  
P R T U Y

não existindo os sons C F J L Q S V X Z.

As vogaes foram: *a, e, i, o, u, y*. Pela audição comparada entre indios de varias tribus semi-selvagens e civilizados, tapuyos e mamelucos de differentes areas geographicas, a pronuncia dessas letras é, como se verá aqui, ainda hoje bem conservada.

O *a* sôa sempre *a, á, e â*, como nas palavras portuguezas *na, pá e rã*, e na lingua geral em *paraná*, rio, *iuká*, matar (*jucá* d'Anchieta) e *Tupã* Deus. Em *paraná* vê-se o som dos tres *aa*. No Amazonas, porém, conforme a tribu nheengaíba a que pertence o individuo ou os que della descendem, ás vezes, pela disposição das cordas vocaes na pronuncia propria que fallaram e legaram, pronunciam *á* em vez de *á* ou *ã*. O som *a*, fechado, sempre no fim das palavras é vicio de paragoge portuguzá, como em *kutuka*. Este *a*, não abanheenga, no fim das palavras, é uma das letras que, introduzidas nelle por vicio castelhano e popular, produziu a corruptella nheengatú.

O **o** tem tres sons : aberto, *é*, guttural, *ê*, e nazal, *õ*, como em *mamé*, *moyuêre* e *mokaê*.

O *e* tem contribuido tambem para a corruptella *nheengatú*, porque em todos os sons de *e* em muitos logares, como no Rio Negro, tem sido mudado para *i*, como nas palavras acima que pronunciam *mami* por *mamé*, *moyuirí* por *moyuere*, *mokain* por *mokaen*.

Por paragoge e vicio portuguez existe hoje o *e* fechado ou mudo que accrescentam ás palavras terminadas em consoante como *embirare*, *pupure*, etc., por *embirar*, *popur*, etc. Pela cogação entre o *e* e o *i* assim mudam o som da primeira vogal, como os antigos latinos diziam *Heri* por *Here*.

O **i** tem dous sons, o de *i* portuguez e o de *í* ou *in* nazal, como *inti*, não, *tí* ou *tin*, vergonha.

O **o** tem tres sons : fechado, *o*, aberto, *ó*, e nazal, *õ* ou *on*, como : *koema*, *ikó* e *nhõ*. O som desta letra, pela influencia da orthographia phonetica dos portuguezes que nos primeiros tempos aportaram á capitania do Maranhão, contribue poderosamente para a separação do abanheenga fallado pelos guaranys do que fallam os amazonenses. Assim póde-se quasi dizer que ahi o som do *o* foi mudado para *u*.

Em vez de *amoetá* dizem *amueta*, *tapiuka* por *typpyoka*, *nhun* por *nhõ*, etc.

O contacto constante, por muitos annos, só com portuguezes da classe baixa, esses mesmos pela maior parte camponios do Alemtejo, Minho e Traz dos Montes, em tempo em que o portuguez não era o mesmo de Garrett, e mesmo pela cogação do *o* para *u*, foi que produziu esse sotaque, não só na lingua geral, como no portuguez-brasileiro do Pará e Amazonas.

Procurando eu uma vez, em conversa com um portuense, saber quaes as provincias de além-mar em que existia a mudança do *o* para *u* e do *u* ou *v* para *b*, respondeu-me : « No Porto *cu b*, no Alemtejo *cu vau*, » querendo dizer que numa parte se pronunciava com *b* e noutra com *v*.

O **u** tem quatro sons : sôa como o **u** fechado, quando entre consoantes, como na palavra *kunhan* ; sôa como *ú* longo quando depois de vogaes como em *yuúka*.

Soa também como *û* ou *un* nasal, como em *mytû*, hoje mutum. Além destes tres sons tem um quarto aspirado, que representamos por *hu*, como em *huhuy*, sangue, *huaimy*, velha, *huyhua* flecha, etc O **u** foi que muito concorreu, também, para a adulteração da lingua pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que quasi todos nos primeiros tempos da conquista o mudaram para *b*, como veremos quando tratarmos desta letra.

Os antigos tupys e velhos tapuyos ainda hoje dizem *Tyua*, que outros pronunciam *têua*, emquanto que os civilizados dizem *tyba*, *tuba* e *tiba*, como em *ubatuba*, *mokajatuba*, *araçatiba*, etc.

Usam *tyua* quando a palavra termina por vogal, e *deua* quando por consoante ou vogal, como *ararandea*.

Quando depois do **u** segue-se *i*, como voz nasal, e mais frequentemente *an* ou *en*, os corruptores da lingua o mudam para *v* e addicionam *lh*, como em *parauiana*, paravilhana, *anaviêna*, anavilhana.

Mudam também o **u** em *v* nos casos em que os missionarios o mudaram para *b*, como em *Kaiuva*, por *kajúúa*, *Anhandava*, *anhandaua*, *araçyava* por *aracyaua*, etc.

O **u** aspirado é que os castelhanos mudaram para *gu*, donde vem a grande differença entre o guarany e o nheengatú. Assim dizem *uguy*, sangue, *guaimy*, velha, *guyle*, flecha, por *huhuy*, *huaimy*, *huyhua*, e em vez de *huy* ou *çuy* dizem *guy*, etc. Adiante ainda tratarei do assumpto quando me occupar com o *g*.

O **y** é uma letra indispensavel no nheengatú, quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiaes, que, mediante accentos, como no *i*, facilmente poder-se-ia distinguil-os ; porém não havendo nas typographias essa letra accentuada, temos que nos sujeitar a represental-o, em alguns casos,

simplesmente sublinhado quando em manuscrito ou grifado quando impresso. Nunca o *y* tem o som de *jota*, e aqui damos os seus sons, segundo o logar que occupar na palavra, ou que elle significar.

O *y* tem quatro sons, sendo um guttural muito especial.

1º Sôa como *u* francez quando entre vogal e consoante, como em *pytá*, *tayra*, filho, que se pronuncia como em *du* francez.

2º Sôa como *ü* ou *y grec* ou molhado francez, quando só entre vogaes, como em *payé*, feiteiceiro. Para substituir o *y* com este som pôde-se adoptar o *i* tremado.

3º Tem um som entre *u* e *i* semi-guttural, quando no começo de uma palavra, sempre antes de vogal, como em *yahu*, *yakaré*, etc.

4º Tem o som guttural e nazal simultaneo, que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam *agua*, *liquido* ou alguma cousa que deste se pôde derivar, soando então levemente no final o *g*, pelo que Anchieta e Figueira dão-lhe o som de *ig*.

Todos estes sons desta letra foram mudados pelos portuguezes para *j*, o que desfigurou completamente a pronuncia.

O venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva disse :

« De tout temps les portugais ont changé en *j* l'*y* espagnol employé comme consonne.<sup>3</sup> »

O dizer que nunca o tupy teve e nem tem o som de *jota* me leva a algumas considerações.

O primeiro que empregou essa letra foi Anchieta, que diz « que *y* sempre, ante *a*, *o* e *u*, é consoante, sem indicar o som, como *jara*, e quando estiver entre vogaes é sempre vogal e se escreve *y* como em castelhano, isto é, com o som de *ü*, como o *hoye* castelhano. »

<sup>3</sup> *L'Oyapock et l'Amazoné*, II, pag. 180, § 2100.



Vê-se por aqui que o *j* foi convenção para sua orthographia pelo genio da lingua portugueza, mas não porque assim o indio pronunciasse. O padre Figueira tambem o adopta.

Entretanto o padre Antonio de Araujo, missionario da Bahia, que, segundo o douto Barbosa Machado, « aprendeu a lingua brasileira, e de tal modo a soube que parecia ter nascido entre aquelles barbaros, » em 1618 disse, na « Advertencia » do seu *Cathecismo na lingua brasileira* :

« Os antigos para exprimirem este som usaram de *jota* com um ponto em cima e outro embaixo.

« Outros escreveram *ig*.

« Porém insufficientemente uns e outros, porque o *jota* tem diversa vocalidade, que nunca chega a proferir este som guttural ; » e escrevia *iepé, iar, iabió, iaué*, etc.

O padre Araujo tem razão, porque *yara* o indio pronuncia, como disse, soando o *y* como *i*, e diz *iara* e nunca *jara*, como aconselha Anchieta.

Temos um exemplo. Vemos sempre escripta e fallada a palavra *Airuoka* no sul, e *Ayuruoka* no norte, que os antigos escreveram *Ajuruoca*.

Porque o brasileiro assim a pronuncia ?

Porque nunca tem o som de *jota*.

Porque assim procedeu Anchieta, introduzindo o som dessa letra ? Procurando adaptar o tupy ao portuguez-castelhano.

Si *y* tem o mesmo som, porque antes de *a*, *o* e *u* faz soar como *j* e como *ü* entre vogaes, e adopta o *y* ? Por não haver em castelhano ou portuguez *jü*, e si assim fizesse soar transformaria inteiramente a palavra de modo ao indio não entendel-a.

O proprio Anchieta nos diz que o indio pronuncia *yá* e não *já* ; e nos deixa a liberdade de escrever como quizermos, dizendo tambem: « *Mas nisto vae pouco, porque se confunde saepissime com j, jota, e cada um o pronuncia mais portuguez, mais castelhano, como quer, ut, já, yá, etc.* »

Mas quem assim pronunciava ? Só os civilizados, porque os indios não sabiam nem portuguez nem castelhano, e quando fallavam era com a prosodia propria,

sem chiante alguma. Para que escrever *igitá*, como elle o fez, si a pronuncia é *iitá*? Anchieta nos dá o exemplo em *piraibomo*, que, si metesse o tal *j*, se pronunciaría *pirajibomo*, quando o *y* ahi sôa como *ii*.

Em *ijibomo*, que cita, pronuncia-se *iibomo*.

Ler-se como aqui e escrever-se como alli, qual a vantagem?

Por aqui se vê que Anchieta admittiu o som de *ii*, quer no começo, quer no meio da palavra.

Prova-se mais isso sabendo-se que elle escrevia *sucuryuba* e não *sucurijuba*, como se vê das suas *Cartas*, escriptas antes da publicação da sua *Arte*.

Escrevia então a propria pronuncia que ainda hoje tem no nheengatú.

A causa dessa phonologia, que deu a adulteração que deixaram na lingua tupy, está nisto. Anchieta era de origem hespanhola e contemporaneo de Gil Vicente, e como elle, fallava e escrevia ora portuguez, ora castelhano, pelo que forçosamente pronunciaría com sotaque castelhano.

Vê-se nos *Autos* deste *ayuntaron*, *hoy*, *haya*, *desmayo*, *ovejas*, *mejor*, *pajaritos*, por onde se evidencia que o *j* castelhano de Anchieta é filho da pronuncia do reinado de D. Manoel e de D. João III, que soava quasi como dois *ii*, como em *hoy*, *haya*, e que os portuguezes empregaram em *desmayo*, *ideya* e outras palavras, como *pay*, *reyno* e *Raymundo*, que muitos ainda hoje escrevem *Raymundo* e não *Raimundo*, como hodiernamente se vê escripto.

Assim como passou *hoy*, *haya* e *ayntaron* para *hoje*, *haja* e *ajuntaram*, passou *yub* para *juba* e *iucá* para *jucá*, e *yauty* para *jaboty*.

Não se pode dizer que melhor pronuncie o brasileiro com *j* do que com *i*, porque naturalmente, com facilidade, belleza e expressão, dizem com esta letra, no norte, todas as palavras que no sul tem aquella.

O som do *y* ou *ii* que passou para o de *j* em tupy, foi pois, como disse, o castelhano de *hoy*, de *haya*, do Plauto portuguez.

Os nossos classicos outrora, com razão, escreviam *assemblya*, *praya*, *ideya*, que se pronuncia *assembleia*, *praia*, *ideia*, e não *Assembléa*, *idéa*, como se escreve hoje, mudando a verdadeira prosodia.

Si escrevessemos como nossos avós outrora escreviam e pronunciavam, não diriam em algumas provincias, como em Minas, *ri-o*, *fi-o*, *pavi-o*, em lugar de *ri-yo*, *fi-yo* *pavi-yo*. O douto Antonio de Moraes Silva, diz : « *Receo* e *Orfeo* ( na *Lusiada* III, est. 2 ) não são consoantes, pois que soam *receyo* e *Orfeo*, e a rima pede *orfeyo*. »

O que sôa como *ii* não póde, pois, ser substituido pelo *j* nem supprimido, porque modificou a prosodia indigena, como tem modificado a portugueza.

Sobre a pronuncia dessa lettra disse Theotonio J. Oliveira Bello, no prefacio da edição de 1831 do *Diccionario* de Moraes, que « a pronuncia assim o pede, e seria absurdo escrever indistinctamente. »

Eu admitto que num escripto portuguez se aporlugueze a palavra indigena que soar melhor com *j* a nossos ouvidos, quando seja de algum animal ou objecto vulgar, que o uso tenha admittido a transformação, mas nunca em palavras que é preciso que o vulgo saiba a sua pronuncia, que se deve perpetuar, para não desaparecer a lingua, coitada, já tão mutilada e mascarada, e para não alterar nomes que a geographia, a botanica e a zoologia têm necessidade de tel-os puros, pelos erros a que expõe o futuro commetter. O que se diria se escrevessemos o francez ou outra qualquer lingua, escrevendo com a orthographia phonetica, aporluguezada, *croaiou*, *crodié* em vez de *croyons*, *croyais*. Si para as linguas cultas adoptamos a sua orthographia, que foi baseada nos sons primitivos e etymologicos, porque para a lingua patria havemos de aporluguezal-a, transformando-lhe a prosodia ?

Isso mostra ainda a nossa falta de patriotismo, que infelizmente em tudo hoje se revela. Agora passarei a mostrar que *j* sempre teve os sons que apresentei e nunca o de *j*, ccomo admite o illustre Dr. Macedo Soares.

Lery, que escreveu o mesmo tupy que Anchieta, isto é, quasi da mesma localidade e na mesma época, <sup>4</sup> ouviu o indio e procurou perpetuar a sua pronuncia ageitando-a á prosodia da sua lingua, pelo que conservou as palavras com a verdadeira pronuncia.

Assim escreveu: *Ioub, Eori, oiira, iacou, caraiá*, que com a pronuncia franceza lê-se puro abanheenga, *yub, yori, yaku, karayá*.

Onde está ahi o *j*? Ivo d'Evreux, é verdade que no norte e um seculo depois, de 1613 a 1614, ouviu e escreveu como Lery, por ser tambem francez, *iapyassou, yapiaçu*, etc, e não *japyguaçu*.

Figueira, que naturalmente aprendeu pela *Arte* de Anchieta, que conjuga como elle o verbo *ajucá*, entretanto escreve tambem *iucá, iucaçara, iucaçaba*.

Montoya, comtudo, conservou o seu *y* (*i groeso*) e com isso a verdadeira pronuncia, e si não fôra outros vicios proprios da indole da lingua castelhana, que separou o guarany do tupy, seria a melhor pronuncia conservada. O padre Bettendorf escreveu *iabé, iipé, iabiô*, e não *jabé, jepé, jabiô*.

Fr. Velloso escreveu tambem *iabé, iepé e abion*.

Sobre o modo de fallar no sul não conheço escripto algum moderno, porém do norte temos alguns, e todos os que são originaes, como os vocabularios de Gonçalves Dias, não o de Liepzig, mas o publicado na *Revista do Instituto Historico*, o de Seixas, as grammaticas do coronel Faria, a de Simpson e a de Couto de Magalhães regeitavam o *j* e escrevem *i*. Penso que sufficientemente me expliquei, deixando ver que o indio nunca pronunciou essa letra, e não se póde objectar que seja pronuncia moderna, como dizem, pelas provas que anteriormente dei.

Antes de terminar as observações sobre o *y*, devo dizer que as tribus ou aquelles que fallam nazalmente, ás

<sup>4</sup> A *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, entre les gens du pays nommez Toupinambaoulls & Toupenenkins en langage savoyage & françois* foi publicada em 1585, e a *Arte de Grammatica* do Padre Anchieta em 1585.

vezes, quando depois do *y* segue-se *ã* nasal, este absorve o *n* da vogal que lhe segue e faz soar como *nh*, como *yandé*, que alguns dizem *inhandé*, *nhandé*, *nhané*; porém isso não é vulgar.

A pronuncia de *y* como *u* francez tem trazido corruptella moderna; tem sido mudada para *u*, para *i*, para *ê* e para *ui*, e o pronunciam de uma ou outra fórma, assim: *tyba* passa a *tuba* e a *tiba*, como *çipotuba*, *mukajatiba*, *matyre*, a *matere*, *pyta* a *puitá*, etc.

Esta mudança de *y* para *u* traz muitos inconvenientes etymologicos.

E' devido a essa mudança que traduzem *itapuka* por *pedra furada*, tomando-se o *puka* por *puk*, quando é *apyk*, assentar.

*Itapyka* é *pedra assentada*, como o está a que deu assumpto para o romance:

*A Somnambula de Itapuka*, de Leonel Alencar.

Como este muitos nomes se acham alterados.

A mudança do *y* para *ê* vê-se em muitas palavras, como em *têua* por *tiua*, *yacê* por *yacy*, *pecêka* por *peçyka*, *pêre* por *pyre*, *kêre* por *kyre*, etc.

Para mostrar a inconveniencia e o mal que ha em aporтуguezar as palavras indigenas, basta citar um facto que parece de alguma importancia.

Quantos litigios promovidos pela corruptella portugueza!

A palavra *OYAPOC*, nome dado pelos tupys, e conservado pelos francezes com a verdadeira pronuncia indigena, ao rio Vicente Pinçon ou Pinson, os portuguezes fizeram *japoco*!

Foi o governador Gomes Freire de Andrade, em uma memoria dirigida ao ministro Roque Monteiro Paim, em 1699, que em vez de *Oyapoc* escreveu *Ojapoco*, o que deu logar a que pelo tratado de Utrecht, emquanto no traslado francez se escrevia *Oyapoc*, no portuguez se escrevesse *Japoc*.

Dahi originou-se, propositalmente ou não, uma serie de corruptellas, que têm dado logar a diversas reclamações na questão de limites com a Guyana Franceza,

fazendo-se *Yapoc* ser outro rio que não o que legitimamente nos separa daquella possessão franceza.

Appareceram os nomes de *Hyapoc*, *Warypoco*, *Ouarypoco*, *Ouyapoc*, *Wiapoco*, *Yapoco*, *Oyapok* *Uiapoc*, todos originados das pronuncias daquelles que os escreveram, quando não passam de *Oyapoc*, transformado pela pronuncia franceza (*Ou*), ingleza (*Wy*, *wi*) e hollandeza (*War*), que pelo costume portuguez e hespanhol acrescentam no fim a vogal *o*.

Pelo que venho de expôr, vé-se que o que concorreu para a adulteração foi o costume portuguez de mudar o *v* para *j*, que, como anteriormente vimos, tem transformado a lingua.

Como é uma questão de interesse nacional e como até hoje não se tenha dado, que me conste, a traducção da palavra, aqui o faço, porque parece-me que dará alguma luz á questão.

Quando digo não existir a traducção da palavra é porque nenhuma das que se têm dado está de accordo com a indole da lingua e não exprimem a verdade.

Conheço as traducções de Mr. Le Servec, de D' Avezac e de Martius; porém as primeiras foram bem destruidas pelo venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva, e são irrisorias, e a de Martius não é tambem exacta, posto que mais se aproxima da verdade.

Mr. Le Servec interpretou, dizendo que *Oyapoc* era corruptella de *igapoçu*, assim *igapó*, inundaçào (!) e *oçu*, grande, significando *rio da grande enchente*, ou o Amazonas.

Mr. D' Avezac interpretou primeiro: *igá* ou *oigá*, agua, *epocu*, comprido, isto é, *furos* (!), *terras extensas alagadas*, e depois *ia*, cabaça, e *poca* ou *crique callebasse*.<sup>5</sup>

Martius diz que vem de *ajab*, abrir-se por si, e *poc* arrebentar, isto, é *dissilere*.

Razão não tem,comtudo,o Sr. Dr. Joaquim Caetano, quando diz que o *y* de *Oyapoc* não significa agua,

<sup>5</sup> *L'Oyapoc et l'Amazone*, por Joaquim Caetano da Silva. Paris 1861, II vol. §§ 2231 a 2773, pags. 264 a 285.

porque então seria *Oigapoc*, porque esse *y* sôa como *ig*, como em *igara*.

O som desse *y* como vimos é tão difficil de se escrever, que, pronunciado por um mesmo individuo, não só não dá-lhe a mesma pronuncia em diversas palavras que têm a mesma radical (agua), como os que o ouvem para uns sôa de um modo e para outros de outro. Póde ter a palavra a radical agua, mas não sôa o *g*, como nas palavras: *yapomi*, mergulhar, *yakan*, ribeiro, *yaponu*, maresia, etc. Neste caso está o *Oyapoc*.

Os francezes, sem citar a fonte das etymologias, dizem que *Oyapoc* significa *grand cours d'eau*, o que é inteiramente inexacto; mas lhes aproveita para approximar o seu poderio á margem esquerda do Amazonas, pelo que o marquez de Ferolles, em 1699, denominou a ilha de *Marayó* (Marajó dos portuguezes) de *Hyapoc*.

Si o natural tivesse querido dizer « grand cours d'eau », diria *ykauakuã uaçú* ou *Oykauakud*

O rio Vicente Pinson tem com muita propriedade o nome de *Oyapoc*, dado pelos naturaes, porque percorre um terreno accidentado que dá logar a que « suas » (*u*) « aguas » (*y*) corram impetuosas, « arrebrandando-se » « *apoc* por toda parte, com grande estrondo, estourando », sobre as pedras e produzindo um fragor medonho.

*Oyapoc*, ou *Ƴapoc*, pela corruptella portugueza, deriva-se de *O*, reciproco *suus*, *sua*, *suum* e *sui sibi se*, de *y*, agua e *poc*, que é o verbo « arrebrandar com ruido, estrondar, estourar, etc » e significa, pois, as « aguas que se arrebrandam, » que « correm estourando, » que « se quebram ou o rio que estronda, rio das corredeiras, ou encachoeirado. »

Justifica a minha traducção uma opinião insuspeita, a do sabio viajante francez Alcide d'Orbigny, quando á pag. 32 de sua *Voyage pittoresque dans les deux Amériques* diz: « L'Oyapock encore gonflé par les pluies, roulait avec la rapidité d'un torrent... Ces sauts sont des véritables rapides ou caudales qui barrent le fleuve dans toute sa largeur. »

« Cataractes sous-marines, comme celles d'Assouan en Egypte, ces sauts ont leur genre de beauté, qui ne le cède en rien à celle d'une chute perpendiculaire.

« A son premier saut l'Oyapock, dans une largeur de cinq cent toises, *offre* une — confusion de courants et de contre-courants, d'eaux tumultueuses — et calmes, de cascates et de lagunes, de rochers nus et d'ilots verts, au milieu des quels sautent...

« Habituellement on ne les affronte (as viagens) que dans la saison sèche, de juillet en novembre, quand les eaux de l'hivernage sont rentrées dans leur lit.

« A ces difficultés de navigation, il faut attribuer la ruine de tous les établissements tentés sur les rives de l'Oyapock. »

Lêa-se d'Orbigny e ver-se-á como no rio Vicente Pinson ou *Oyapock*, as aguas se rebentam como nenhum outro, até a foz do Amazonas, por percorrerem todos terrenos não accidentados, tanto que por essa particularidade teve esse nome, dado pelos indios, verdadeiros observadores, que tudo denominam com muita justeza.

Um escriptor, francez, citado pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva diz :

« Entre l'embouchure de l'Oyapoc et celle de l'Amazon on n'aperçoit que'une côte bombeuse, qui semble peu digne d'être disputée avec ardeur. »

La Barre tambem diz :

« La Guyane Indienne est pays fort bas et inondé vers les côtes maritimes, et depuis l'embouchure des Amazones jusqu'au cab Nord. <sup>o</sup>

---

<sup>o</sup> Devo fazer observar aqui que os sons de á, é, i, ó, ú, e y, quando dados pelos de tribus nheengaibas, que tinham, como os *mauhés*, a pronuncia muito nazal, mudam-se para ã, ê, î, ô, u, e y, e quando por aquelles cujos dialectos eram gutturaes, como os *parikys* e outros, para â, ê, î, ô, ú, e y. Importa em muito esta observação, porque, principalmente, nos sons do e, do i, do u e do y, podem todos se confundir com o y especial nazo-guttural, e dahi más interpretações e má orthographia.



Passo agora ás consoantes.

**B.** Esta letra é sempre naso-labial e nunca se encontra sem o som de *mb*, quer no principio, quer no meio das palavras. No fim nunca apparece o som de *b* si não por corruptella. Os castelhanos e portuguezes foram que inventaram esse som para substituir o *u*.

Assim dizem em guarany *pab* por *pau*, que fazem *igarupaba* por *igarupaua* (*y-ara-pé-aua*). Esse som de *mb* foi pelos civilisadores mudado tambem para *m* ou para *b*, como melhor lhes soava a palavra.

E' um dos *pontos* que afasta a lingua geral de hoje, como a de outr'ora, do tupy antigo e do guarany escripto.

No tupy de Anchieta e de Figueira apparece muito o *b* em logares em que não sóa quando sahe dos labios do indio puro, do tapuyo, mameluco ou carafuz, criado no centro onde a civilisação não é grande e onde o branco poucas vezes chega.

Note-se que quando digo indio é sempre o gentio civilisado.

O Dr. Baptista Caetano disse, annotando a traducção que do guarany fez o Dr. Macedo Soares, da *Declaracion de la doctrina christiana*, que : « A troca do *b* em *v* não é sómente por influencia hespanhola ; ella dá-se tambem no tupy do Amazonas ; e, segundo a lei geral do — abrandamento das instantaneas em continuas, — é frequente a mudança da labial *b* em *v* e desta em *u*, como se vê em *yba*, arvore, etc. »

O mesmo illustrado Dr. Macedo Soares, se exprime : « Si em vez do hespanhol ou portuguez, houvesse a lingua geral soffrido o jugo, por exemplo, allemão, em vez de se mudar o *b* em *v* e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ypa* por *yba*. »

Não querendo alongar-me com citações, devo dizer que em manifesto engano têm andado todos que suppóem que a lingua geral, o *abanheenga*, tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguezes o *b*, o *g* e o *j*. Não houve passagem do *b* para *u* : foi o *u* dos indigenas que os civilisados passaram para *b*. Esta

é a verdade e dahi veiu a corruptella do sul que separou o seu modo de fallar do do norte.

O portuguez, que melhor diz *bebé* do que *ueué*, transformou esta pronuncia naquella, e dahi começou a separar-se a do norte. Qual o caboclo, por mais civilisado que seja, que diga *bebé* por *ueué*, voar? Só dil-o portuguez que falle a lingua geral, como tenho ouvido.

O *b* que apparece em *tuchaba*, *murubichaba*, *igacaba*, *kuruba*, etc., etc., é sempre por vicio castelhano e portuguez de substituir uma por outra letra; assim o indio só diz *tuichaua*, *muuichaua*, *yaçaua* (*ȳ-ig*), *kurua*, etc. Ivo d'Evreux escrevia *muuuichaua* e Lery *tuuichau*; não ouviram o som de *b*. Apresento aqui um exemplo como essa orthographia foi que modificou o ahanheenga a ponto de tornar ás vezes impossivel achar-se uma etymologia, ou mesmo, de levar a interpretações falsas.

Tomemos a palavra *tuchaua*, *tuichaua*, do Amazonas, e *tubichaba* guarany. Sou o primeiro a dar a palma do saber ao erudito guarinologo Baptista Caetano; porém, elle apezar do seu espirito de linguista atilado, querendo ir além de Montoya, como interpretou essa palavra?

Montoya diz simplesmente: « *Tubicháb*, grande en calidad y cantidad, » e Baptista, no seu vocabulario, « *Tubichab*, abs. de *ubichab*, adj., grande; em manusc. da Bibl. Nac. se acha *tybixáb*, membrudo, carnudo, corpulento, o que leva a crer em um particípio de *toób* ou *toó*, abs. de *oó*, crescer; mas compare-se *tupir*, elevar, e note-se que si não fosse o *i* simples podia-se admittir a composição *tub-yçatuba yhab*. »

Si não fôra a orthographia de Montoya e a crença de que o *b* passava para *u*, no norte, o Dr. Baptista assim não se exprimiria, porque *tuchaua*, *tuichaua* ou *tuuichaua*, como bem escreveu o padre Ivo d'Evreux, apezar de francez, vem de *tuhuy* ou *tuuy*, sangue, e *chaua* por *haua* ou *aua*, que exprime o que tem, que guarda, que contém, etc.

A verbal *haua* ou *aua*, ainda no Paraguay hoje se diz *chab*. Quando o castelhano diz *tuhuy* encontrando na

palavra tupy o segundo *u* aspirado, diz *tugui, tubuy*; mas no caso presente, como concorrem duas aspirações ligadas a do *hu* e a do *haua*, que mudam os portuguezes e castelhanos para *c*, contraem pela figura syncope as duas palavras e formam *tuyçaua* ou *tuichaua*, vindo o vicio castelhano transformar mais a palavra mudando o *u* em *b* e formando *tubichab* ou *tubichaba*.

Com effeito *tuichaua* é o chefe, o individuo que exerce o seu poderio transmittido pelo sangue de seus paes. E' um homem de sangue, um principe de sangue dos reis, por assim dizer, que tem o direito de vida e de morte sobre os seus, recebido por hereditariedade, como a nobreza, que se transmitta pelo sangue.

O *moruichaua*, *morubichaba* do sul, o chefe supremo, o rei, deriva-se de *mbo — r — uuichaua*, o que faz, ou donde sahem os chefes, seus filhos e subalternos, que no sul pela mudança das lettras fizeram *morubichaba*. O proprio Anchieta antes de publicar a sua *Arte* escrevia *capiyuara*, e não *capibara* ou *capivara*.

Os indios krichanãs, que não tinham tido contacto algum com civilisados, quando os pacifiquei, deram-me logo o nome de *karaiudá*, que confirma  $\sigma$  que digo e obriga-me á outra observação. Aqui vê-se o *u* que transformaram em *b*, pronunciado pelo selvagem que não tinha ouvido a pronuncia portugueza ou castelhana, que si fôra mencionado no sul diria *karaibá*.

Esse tratamento mostra que os karaibas descendem de povos invasores, que conquistaram o terreno e depois delle tornaram-se senhores.

Eu, que invadia o terreno krichanã, o conquistava e procurava dominal-o; devia ter mesmo o nome de *karaiudá*, ou *karaibá*, que dão ao branco, por ser este no Brasil o conquistador.

Que o nome *karaiudá*, *karaibá*, *kariua*, *karaib*, *karay*, etc., era commum a toda a America do Sul, não resta duvida, porque por toda a parte elle apparece como significando sempre um dominador, pelo que se prova que os *karaibas* dominaram todo o norte, e deixaram mesmo entre as tribus selvagens a sua tradição perpetuada pelo nome que estes pronunciam com *u* e os civilisados com *b*.

Nesse ponto a língua está mais pura no Amazonas do que no sul e no Paraguay, porque conserva a pronúncia primitiva.

O costume do portuguez de algumas localidades de mudar o *v* e o *u* em *b*, e vice-versa, fez esse enxerto no tupy que o adulterou.

E' conhecida a maneira de alguns portuguezes soletrarem, dizendo : *u—i, bi, u, u—a, ba, biuva*.

O padre Mamiani, italiano, perpetuou o *u* na lingua *kiriry*, que não é mais do que tupy fallado por tribu *nheengáfa*, que são os que pronunciam o som de *j* como *ch* e o *s* como *z* ou *dz*, quando admittiu o *w*, escrevendo *waruá* (*uaruá*, tupy, ou *guaruá*, guarany).

Os missionarios escrevendo a lingua, não só fizeram essas mudanças, como crearam innumeradas palavras, que não existiam, de cousas que os indios desconheciam, e assim como aportuguezaram o tupy, tupynisaram o portuguez e fizeram *curuçá*, cruz, *sapatú*, sapatos, *sordára*, soldado, *panéra*, panella, *camarára*, camarada, etc., compondo, principalmente no que diz respeito á igreja, com palavras tupys de significado diverso, outras para exprimir o que desejavam, como, além dos dias da semana, *caraibebé* (*karaiueué*), *yandy karay*, santos-oleos, *missa pituna*, missa do gallo, etc.

Prova inconcussa de que me firmo na verdade ver-se-á num termo muito conhecido hoje no Brasil. Não se póde dizer que é elle do tupy moderno do norte, porque não só é do sul, como do territorio em que predomina o guarany.

Dous affluentes do Rio Paraguay nascem na serra do Marakayú, em Matto Grosso, e ambos têm o mesmo nome, e são o celebre *Aquidaban* e o *Aquidauana*.

Este é aquelle, transformado o *u* em *b*. A vogal que termina este é, como disse, uma das corruptellas para aportuguezarem as palavras, ou pelo vicio de augmentarem os portuguezes vogaes ás ultimas consoantes de uma palavra.

O indio brasileiro em Matto Grosso diz *Aquidauana*, o paraguay *Aquidaban*.

Si esta é a pronuncia pura, porque aquelle não repete, tendo mesmo o exemplo ?

E', por assim dizer, por um atavismo linguistico, que o descendente dos tupys repete a palavra como seus avós proferiam. A influencia da orthographia é tal, que, quasi affirmo, todos têm esses nomes como diversos e com etymologias differentes ; e si assim não é, como dar-se a dous rios o mesmo nome, affluindo elles á mesma arteria e muito proximos ?

**C.** Tendo os portuguezes substituido, não por antithese, mas por não poderem dar a aspiração que o indio e os castelhanos dão, mudaram o *h* para *c*, que lhes pareceu soar melhor e podiam pronunciar, pelo que perpetuou-se essa orthographia, substituindo até o *s* antes de *a*, *e*, e *o*, que, pelo uso consagrado e uniformidade, o adoptou tambem antes de todas as vogaes para não ter de dobrar o *s* quando entre vogaes. A adopção do *ç* em vez do *s*, a não ser em casos de aspiração, tem sua razão, porque nunca o indio dá o sibilar do *s* ; mas no que não tiveram razão, e serviu para corromper a lingua, foi fazerem desaparecer a aspiração, e assim em vez de *haku* dizem *çaku*, *harib çarib*, *heça ceça*, *heê ceê*, etc.

O *c* quando antecede a voz nazal *ng* desaparece, predominando o *g*, pelo que dizem *nheengatú* em vez de *nheenkatú*. Os descendentes de tribus nheengaibas mudam ás vezes o *c* em *ch*, como em *chihy* por *çuhy*.

Um unico inconveniente noto na adopção do *c* : é quando elle é cedilhado (*ç*), porque um esquecimento, um erro typographico, em que se omitta a cedilha, lhe dará o son de *k*, e mudará completamente o sentido da palavra ou não lhe dará nenhum, pelo que é preciso muita cautela no escrever e no rever as provas typographicas.

**CH.** Este som chiente explosivo é escripto tambem com *x*, como Anchieta e Figueira o fizeram, porém com mais propriedade quando o indio falla sôa o *ch*, o *sh*, inglez.

Este som comtudo só apparece quando por euphonia ou idiotismo da lingua substitue o *ç* o *h* e o *y*.

Adopto além disso o *ch* para não haver ambiguidade e não se pronunciar *çç* ou *ss*, *z* ou *es*, como em *fluxo*, *syntaxe*, *exemplo* e *experiencia*.

Quanto á letra **D** é outra que nunca tem um som puro, e sempre sôa como *nd*, no fim das palavras, e muito raras vezes no meio.

Poucas são as palavras que começam por *nd*.

**G** sôa sempre como em portuguez no meio ou fim dos vocabulos, porém nunca apparece no principio sinão no guarany pelo vicio hespanhol.

Esta letra concorreu poderosamente para a separação do guarany do tupy.

Isolada, com o proprio som, a formar syllaba ante qualquer vogal não existe no tupy, mesmo fallado por individuos de tribu *nheengaíba* de prosodia guttural.

Quando ella apparece é sempre depois do *n* quando sôa *ng*, isto si a syllaba que precede ou segue é nazal, e então liga ás vogaes o seu som, como em *anga*, *nheengara*, *kanguera*, etc.

Vê-se tambem depois do *y* especial quando sôa *ig*.

Recahindo esse som sobre a vogal que se segue fórma syllaba, e dahi vem *igara*, *yaponga*, *iguaçu*.

Nunca esta letra por si produz as pronuncias *gu*, *go*, *gu*, sem ser nesses casos.

O som de *g* no fim dos verbos, como *pag*, *peg*, etc., que apparece no guarany, é o de *k* ou *c*; é *pak*, *pek*, tanto que fazem os gerundios soar com este som, e dizem *paka*, *peka*.

Entretanto dirão ; mas como no guarany vêm-se tantas palavras que começam por *gu*, *gui*, etc. ? Pelo simples vicio hespanhol ou castelhano, como disse, que dando nova prosodia á lingua, deu-lhe orthographia diversa da pronuncia do indio, separando assim o fallar do indio moderno guarany do tupy, quer antigo, quer moderno.

Os brasis, pela descoberta, não pronunciavam o *g*, no começo das dicções, sinão por abreviatura, porém tendo sido os primeiros, no sul, catechizados por

missionarios castelhanos, estes, escrevendo e fallando a sua lingua, deram-lhe uma orthographia em que introduziram um vicio proprio de sua patria, o *de pronunciam sempre antes de u um g*, principalmente quando ha aspiração. Os guaranys, catechizados sob o jugo hespanhol por seculos, não abandonaram o seu fallar, e quando começaram a ler e a escrever no tempo das missões, guiados por hespanhões e estudando pela *Arte e Grammatica* de Montoya, conservaram a orthographia da pronuncia ultramarina, e dahi vem o *guirá* por *uirá*, o *kadigué* por *kadiué* (indios kadiuéos) o mesmo *guarany* por *uarany*, o *guaçu*, que ja fazem *guazu*, por *uaçu*, *guakari* por *uakari*, *jaguar*, *jaguarité*, *jaguarandy* por *yauara*, *yaureté*, *yauarandy* e finalmente *Paraguay* por *Parauá-y*, agua ou rio dos Papagaios<sup>7</sup> e *Paranaguá*, por *Paranãuá*, rio de Fructas, que Baptista Caetano traduz por *enseada*.

Eis aqui um erro obrigado pela orthographia castelhana. Baptista tomou *uá*, fructo, por *aká*, ponta, levado pelo *guá*, que suppoz ser derivado de *aquá*, ponta, quando não é mais do que o *uá*, *iudá*, o *ibá* do tupy do sul, que o hespanhol pronuncia *guá*. Temos outro exemplo em *guaryba*, que em todo o valle amazonico se pronuncia *uaryua*. Acrescente-se o *g*, da pronuncia castelhana ante o *u* e mude-se o *u* em *b* pelo vicio phonetico do mesmo castelhano, teremos a palavra *guariba*, que por esta orthographia leva a dar-se interpretação diversa do que tem.

Assim Baptista Caetano traduziu por *guahur-yb*, chefe dos gritadores, quando o indio deu-lhe um nome tirado de um costume que o caracteriza, o de andar de cauda levantada, para se apegar a tudo que encontra, e o nomeou o *uaryua* de *uã*, cauda, *yua*, levantada, erguida, de pé. O *gua* levou o sabio guaranilogo para

---

<sup>7</sup> Montoya traduz *rio das Coroas*, porém *coroas* de *plumas*, que segundo o mesmo a sua traducção é *paraguá*, que significa rio de *coroas* de pennas, rio coroado, como dizem. Querem outros que venha, corrompida do nome, da tribu *payagués*, que outrora habitou o rio.

outro lado, e fez da guariba o chefe dos *cantores* ou *berradores*. Esse quadrumano berra é verdade algumas vezes no dia, mas tem sempre a cauda erguida, mesmo dormindo.

A aspiração do *u* levou o castelhano a acrescentar o *g* e o portuguez um *c* ao *uã*, donde veio o termo *çuã*, como *çuã de porco*. Dirão que a minha traducção é falsa, porque cauda, rabo em guarany, é *uguã*, e em tupy *uã* ou *çuã*; mas lembrarei que *uã*, a espinha dorsal, se prolonga em vertebras que formam a cauda, pelo que dizem *uã-i*, a espinha dorsal pequena, a cauda, e se faz *uguã* é pela addição do tal *g*.

Por euphonia supprimem o *i*, porém que sôa em *uãiapeçã* (*uã-i-peçã*), o cauda espessa. E' outro macaco que os castelhanos não tiveram o poder de mudar o nome para *guajapeçã* por não ser do sul, e que tem a *cauda espessa*, tanto que servem-se della para espanadores.

Justifico o porque traduzo Paraguay rio dos Papagaios que o mesmo Dr. Baptista tambem admite. Pela etymologia deste, papagaio é *paraguá* ou *paracá*, derivado de *apar*, torto, adunco, e *guá* por *aquá*, ponta, bico de volta, bico adunco. O tal *g* castelhano ainda levou o nosso mestre a esse engano.

*Paraguá*, sem o accrescimento hespanhol, deriva-se de *pará*, variegado, de côres diversas, e *auá*, pennas, que, pela concurrencia dos sons de *au* nas duas palavras, um absorve o outro, e fica simplesmente *parauá* em vez de *paráuaú*, que ainda ás vezes pronuncia.

E como melhor denominarem esse trepador sinão dizendo o *variegado de pennas*? Naturalmente os papagaios, de varias especies, têm as pennas variegadas, e ainda o ficam mais quando *contrafeitos*, isto é, quando por artificio fazem as pennas mudarem de côr. De *parauá* vem o *paraguá*, corôa de pennas, porque em geral os papagaios têm uma corôa de outra côr, e são tambem os que fornecem as pennas para as corôas indigenas, *akangatar*.

Ainda para mostrar a que enganos pôde levar o accrescimento do *g*, vejamos a palavra *Faraguá*, que



Anchieta nas suas *Cartas* escreve *guaraguá*, nome de uma praia em Maceió, que o Dr. Martius traduz por *senhor de campo*, de *yara e gua*, quando se deriva de *yuarauá*, que com a mudança do *y* para *j*, e o accrescimento do *g*, foi transformado em *Juaraguá*, que por euphonia fizeram *Jaraguá*. Praia do ou de *Jaraguá*, (yuarauá yuicui) praia dos peixe-bois, nome que deram os portuguezes ao *manatus*, que ainda hoje tem entre os tapuyos o nome de yuarauá.

O suffixo *ara* do verbo *ar*, *nascer*, que exprime o logar donde alguém é natural, como *Çarakáoara*, *Marayóara*, passaram a *guar* e dahi *Paraguay guará*, dando logar a que se tome por *kuara*, e em vez de se dizer os que nascem em Marayó diga-se o *buraco* do marayá<sup>8</sup> Anchieta, tambem com a mesma prosodia, viciou o fallar dos brasis. Em todas as linguas americanas, em que houve a influencia do dominio ou do ensino hespanhol, vê-se sempre o *g* como no *huano* kichua, que foi transformado em *guano*, quando entretanto em nenhuma dellas o natural pronuncia essa letra no começo de dicções.

Vê-se no iroquez e no algonquino, da America do Norte, mas em nenhum outro dialecto da America do Sul, mesmo no *takana* da Bolivia.

Além dos vocabularios reunidos pelo Dr. Martius, possuo mais de vinte de varias tribus nheengaiabas do valle amazonico, e em nenhum delles vejo palavras que comecem pela letra de que me occupo.<sup>9</sup> Justifico-me: Lery escreveu *oiira*, *oiirapái*, *oussou*, que lendo-se com a pronuncia franceza é exactamente o que pronuncia o indio *uirá*, *uirapá*, *uçu*. Ivo d'Evreux escreveu *uyrapau*, *uarupy*, que lendo-se da mesma fórma dá *uirapáu* e *uarupy*, não tendo nenhum delles, um no sul outro no

<sup>8</sup> Note-se que só se escreve *o-ara*, quando a palavra acaba na vogal *a*.

<sup>9</sup> Só encontra-se a pronuncia do *g* entre os botocudos de Santa Catharina, que não é mais do que a pronuncia aspirada, que foi apor-tuguezada. Assim dizem elles *goyo*, rio, *guyu*, indio coroado, *Goyouem*, rio Pelotas, etc., como escreve o illustrado Dr. Jacques Ourique, que não é mais do *hoyo*, *huyu*, *hoyouem*.

norte, ouvido *guirá*, *guirapá*, *guaçu*, *guarupy*, e por que?

Por não terem na sua pronúncia antes de *u* o *g*.

Ouvimos dizer, é verdade, *garupaua*, *gapyra*, *ganty*, etc., mas ahí por abreviatura, como disse, porque houve a supressão do *i*, sendo as palavras *igarupaua*, *igapyra*, *iganty*, que é o som do *y* nazo-guttural, fazendo *ig*.

Onde estão no guarany as palavras que comecem por *ga* e *go*?

E' sempre o *gu*, *gue*, *gui*. Poderá haver alguma por corruptella, como já introduziram o *z*, que não tem a lingua.

Esta pronúncia perpetua-se tambem pela orthographia dos jornaes e escriptos paraguayos. Conheço o *Lambaré* e o *Cabichuy*, illustrado.

Baptista Caetano admittiu o *g* no fallar do indio, porque só ouviu paraguayos, e suppunha que essa lettra era indispensavel na sua linguagem, tanto que considera uma metaplasma, e diz: « *O g* tem desaparecido em muitas dicções, e não só o *g* como o *u*, que costuma acompanhal-o e com elle se liquida; » e cita entre outras a palavra *uaçu* e *açu* em vez de *guaçu*, considerando esta fórma viciada quando é a purissima. O tambem ainda pronuncia *uhu* ou *uçu*.<sup>40</sup>

A introducção castelhana do *g*, substituindo sons aspirados e antes do *u*, transformou de tal maneira hoje a pronúncia e a escripta, que desfigura aparentemente a

<sup>40</sup> Tambem diz: « *G* tem o som geral, mas ás vezes é um pouco mais guttural, mórmente quando seguido de *u*; outras vezes abrandá-se tanto que muda em *v*, *w* e *u*, e chega a desaparecer. » Isso é exacto quanto ao guarany, mas não quanto ao tupy, porque este puro sem a prosodia castelhana, não admittie o *g*. Tanto assim é que no proprio guarany se prova que elle não existe, mostrando-se que o *g*, devendo seguir o mesmo que o *q* — quando seguido de *u* apparecer *a* e *o* — ou quando seguido de *e* ou *i*, não observa a mesma regra. O *g* ante *u*, seguido de *e* e *i*, pronuncia se sempre *gu*-e *gu*-*i* como em *guela*, quando devêra ser *gue*, *gui*, como em *guedella*, *guzo*.

Tirado este *g*, que entra nos pronomes pessoas e nos gerundios guarany por vicio hespanhól, como *gu* e *guabo*, que não é mais do que *o* ou *u*, e a terminação *aua*, o tupy ou abanheenga apparece puro. O padre Figueira introduz tambem nos gerundios o *g*, que Anchieta comtudo, apezar do hespanhol, não introduziu; assim aquelle apresenta o *gui*, quando este só dá *ui*.

língua a ponto de poder ser tomada, como já o tem sido, por outra, quando não é mais do que uma e única.

Essa pronuncia produziu um dialecto, que se afasta do verdadeiro abanheenga, que hoje, e legitimamente, é representado pelo *nheengatú*. Como transforma a orthographia, a pronuncia e a escripta o tal *g* !...

Quem dirá que *ugui*, *egui*, *gui*, é o *hui*, pelos portuguezes melhor transformado em *çui* ?

Como lerá o individuo que nunca tiver ouvido um paraguayo essas palavras *uguy*, *guy* ou *ugu-i*, *gui* ou *ugúi gú-i* ?

Si formos pela phonetica portugueza poderemos ler como em *guincho*, *guinar*, etc., mas daremos uma pronuncia que não é a verdadeira.

Entretanto sem o *g*, escripto como o indio pronuncia, ou mesmo o portuguez escreveu, daremos sempre a pronuncia verdadeira, leremos sempre *hut* ou *çui*. Muitas ambiguidades trazem esse *g* enxertado no abanheenga. Póde confundir-se com *uguy* (sangue), que si se não der a pronuncia guttural do *y*, soará da mesma fórma, quando no *nheengatú* si não confunde por bem aspirarem a letra que os castelhanos modificaram, dizendo *huÿ*.

Anachieta escreveu *ni*, tirando a aspiração que comtudo Figueira deu escrevendo *çiii*.

Não se poderá dizer que no norte se aspirava *u* e no sul não, porque os castelhanos das missões ouviram o indio aspirar tanto, que accrescentaram-lhe o *g*.

Apresento aqui uma palavra para mostrar como completamente se separa o guarany do *nheengatú* levado pela prosodia castelhana.

O que será *baguaçu* ? Será *bag*, virar-se, e *uaçu* grande ? Será *bae*, aquelle que, e *guaçu* grande ?

Não; é simplesmente *uáuaçu*, de *uá* fructo, *uaçu* grande nome de uma palmeira, a *attalea speciosa* Mart., cujos fructos são mui grandes.

Houve aqui a mudança do *u* para *b* e o accrescimento do *g* antes do *u*. No Amazonas e Pará dizem *uauaçu*, no Matto Grosso *baguaçu*, tanto que já lhe dão uma interpretação hybrida fazendo derivar-se de *bago* e *açu*, grande, significando *bago grande*.

Penso que sufficientemente mostrei como pelo *g* castelhano foi o abanheenga transformado em guarany.

A letra **H** indica sempre uma aspiração; corresponde ao espirito áspero dos gregos, e as palavras que eram assim aspiradas, os portuguezes, não podendo pronunciar-as bem, passaram para *c*, assim como os hespanhoes, quando a aspiração era em *u*, accrescentaram sempre um *g*, como no palavra *guarany*. Assim por *henum hacen*, dizem *cenun çacem* e o *guarany* em vez de *huaredá, guaredá*.

Os hespanhoes admittiram o *h* em todos os casos em que figura o *c* portuguez, e com razão, porque é indispensavel para pureza prosodica e se poder aspirar as lettras quando pela audição não fôr possível saber.

Neste caso está o *guarany* mais puro do que o tupy do sul, que nos deixaram escripto.

Os portuguezes tambem mudam ás vezes a aspiração do *h* para *f*, como em *Bahuaná* que fazem *Bajuana*.

As aspirações caracterisam muito a lingua brasilica e a tornam por isso notavel; entretanto que fallada pelos civilisados ellas desaparecem, tornando-a muito diferente. O habito de aspirar as palavras é tal que fallando-se com os tapuyos, quando elles dão mostras de admiração, confirmam qualquer cousa ou mesmo negam, não pronunciam uma só palavra, mas aspiram o ar fortemente como em um arquejo forte.

**K.** Adoptei esta consoante para substituir o *c* e o *q* por ser fixo, invariavel e uniforme o som, que escripto com uma ou outra consoante, não tendo o inconveniente de confundir-se a pronuncia na leitura nem trazer as ambiguidades que por exemplo, aqui se notam nas seguintes palvras, *quicé*, *faca*, *quicé*, a pouco, *quyre* dormir, *quire*, agora, cuja pronuucia é *kicé*, *kuicé*, *kyre*, e *koire*

O *c* ou *k* no fim das palavras foi mudado pelos castelhanos para *g*, o que levou o meu finado amigo Baptista Caetano a dizer o contrario, « que o *g* *guarany* foi mudado para *c* no tupy. »

O *c* tem tal cogação com o *g* que os antigos romanos escreviam com aquella lettra o que depois se escreveu com esta ; assim diziam *pucnare*, *leciones*, etc., emquanto que hoje escreve-se *pugnare*, *legiones*, etc., como tambem pronunciavam *Gneus* e escreviam *Cneus*.

Esta progação mudou o *c* em *g*.

Clara e distinctamente os indios pronunciam o *c* ou *k*, soando no fim das palavras quasi como *g* portuguez porque entre esses sons ha grande cogação, como disse, e dahi vem que os latinos antigos escreviam tambem ora com uma ora com outra lettra, como *seculum*, *sequulum*, *acua*, *aqua*, etc.

Esse som final nas palavras levou a addicionar-se uma vogal a elle, pelo que dizem: *cyka*, *oka*, *kutuka*, *pipika*, *yakuka*, *piroka*, *tyka*, *keteka*, etc., que os guaranys pronunciam *cyg*, *og*, *kutig*, *pipig*, *jakug*, *pirog*, *ityg*, *queteg*, etc

Si houvesse tendencia do tupy do norte a mudar absolutamente o *g* para *c*, não diriam *piranga*, *mitanga*, *poranga*, *poçanga*, *tikanga*, *igaponga*, *iarukanga*, etc., e sim *piranka*, *poranka*, *mitanka*, etc.

Por ser som nasal, não, porque os kaipiras que descendem de indios dizem bem *potranka*, etc.

A's palavras que no guarany terminam em *g*, pelo som de *ng*, pelo costume das linguas neo-latinas accrescenta-se uma vogal. Sendo a raça uma só de norte a sul, porque só os guaranys haviam de conservar puro o som do *g*, quando do Prata ao Amazonas as outras hordas conservaram o de *c* ? Não se vê ahi a influencia da cogação dessas lettras na prosodia castelhana ? Uma ou outra palavra foragiu para o norte com esse som de *g*, que ainda se ouve rarissimas vezes nos descendentes dos missionados, por aquelles que aprenderam por Figueira ou eram castelhanos.

A lettra **M** pronuncia-se sempre como em portuguez ; porém sempre que se segue voz nasal sôa como *m̃*, donde vê-se uns adoptarem só *m* e outros só *b*, como em *mbeyu*, que no Amazonas dizem *meyu* e no sul *beijú*.

O mesmo caboclo, que, quando falla em portuguez, diz : « Quer beijú? » quando se exprime na sua lingua diz : « *Re potare meyu?* »

Esse som, entretanto, vae desapparecendo no Amazonas, e só é ouvido entre velhos de logares do interior, porque os mais civilizados em geral supprimem o *b*, pronunciando simplesmente *maã* em vez de *mbaã*. Sempre que uma palavra acaba por esta lettra, a portuguezam juntando-lhe uma vogal ; assim dizem *acema* por *acem*, *koema* por *koem*.

Para o som de *mb* adopto o *m* italico quando impresso, e quando manuscripto sublinhado, para se não confundir com o som simples de *m*.

**N.** Tem o som proprio do portuguez e o de *nd* e *ng*, sempre em começo de dicção. Este som, comtudo, hoje está modificado no nheengatú, posto que perdure no guarany. Assim separam e fazem de *ndé*, ou *indé*, ou *né*, como de *mendar* fazem *menara*. O segundo som, que só apparece no meio ou fim de dicção, perdura, e tão pronunciado que sempre juntam uma vogal a parecer uma *s*, llaba, fazendo de *ang*—*anga*, *nhecn*, *nheeng*, —*nheenga*, *pirang*—*piranga*, etc.

O som *ñ* ou *nh*, que tem tambem o **ñ**, tem contribuido para a corruptella, pronunciando-se *ium* por *nho*, *nengara* por *nheengara*, etc.

Por antithese ás vezes mudam o som de *nh* para *nd*, como em *Anhanduhy*, *Anhandaua*, etc.

**P.** Sôa sempre como em portuguez ; sómente quando pronunciado por algum indio de tribu nheengaiaba, isto é, por aquelle que nunca fallou o tupy, ás vezes é mudado para *b*.

**R.** Sôa sempre brando ; é trinado, quer no começo, quer no meio das dicções, como em portuguez *cara*, *pera*, etc. Exemplo: *igara*, *recé*, *rupy*. Quando as palavras terminam por essa lettra sempre addicionam vogal, pelo que de *menare* fazem *menara*, de *kuere*, etc.

O *r* dobrado na composição de syllabas, como nas portuguezas *bra, bre, bri, bro e bru, etc., fran, fras, etc.*, não existe no nheengatú.

Para o *n* com o som de *nd* adopto, como para *y* e o *m* e o *n*, quando manuscripto grifado, e quando impresso em italico.

**T** pronuncia-se como em portuguez. E' letra inicial das palavras ditas em absoluto, e que se muda nas dicções em *r*.

---

Estendi-me nesta exposição talvez mais do que devêra por dous motivos: para mostrar como tem-se adulterado o abanhaenga que deu o nheengatú, destacando-se do guarany, e para provar que razão tinha quando em 1875 disse que *jaguar* era uma palavra estranha, o que motivou um bellissimo artigo do illustrado Dr. Macedo Soares,<sup>41</sup> que aqui acha a minha resposta, embora tardia.

Quando emprégo a palavra *abanheenga*, cumpre-me advertir, quero com isso dizer a lingua do indio, a *matriz, anterior á escripta* por Anchieta e Montoya, conservando a de *nheengatú* para o tupy do Amazonas, a de *guarany* para o tupy do Paraguay.

O tupy do sul é mais vulgar entre os escriptores, porque ha mais de dous seculos é perpetuado pela escripta e tem já uma litteratura, posto que pequena, emquanto que o não é o do norte, e por isso quasi todos suppõem que a lingua mais pura é a que se falla no Paraguay.

Engano manifesto. Tem conservado, é verdade, a pureza que deixaram os castelhanos, com a sua prosodia, pelo ensino e pela escripta, mais ahi do que na deixada no Amazonas tradicionalmente pelos portuguezes; comtudo conserva ella disvirtuada pelos sons de *j, b, g*

---

<sup>41</sup> *Revista Brasileira.*

e *v*, e que nunca o índio teve. Só repetiam o que sabiam pelos castilhos ; aqui o que os paes transmittiam por herança prosódica. Os vocabularios e as grammaticas do tupy, que chamam *tupy moderno*, appareceram hoje, por assim dizer, datam de 1852 para cá, depois que o Dr. Gonçalves Dias viajou o Amazonas e publicou o seu *Vocabulario*. O dizer elle *Vocabulario da lingua geral usada—hoje em dia—no Alto Amazonas* levou os litteratos, que só conhecem a lingua pelo que existe escripto, e não porque a tenham ouvido de guaranys e tupys, a tomarem a lingua geral do Amazonas como um novo dialecto. E' essa a opinião geral.

E' verdade que parece um novo dialecto por estar muito corrupta pela prosodia do vulgo, « corrupção para a qual os padres concorreram e mesmo precipitaram-na, » como disse Baptista Caetano nos *Ensaíos de Sciencia* ; porém é mais pura no fundo do que o guarany, porque perpetúa a verdadeira pronuncia primitiva.

Hoje não é possível mais fundir o guarany e o tupy, dando-se-lhe uma só orthographia ; mas fique aqui consignado, para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupys ante-cabralianos, não se fazendo cabedal do aportuguezamento das palavras, nem dos *gus, guís, abos, gabos*, introduzidos pelos grammaticos de então, levados pela sua pronuncia.

Termos ha tambem diversos entre os dous *meios*, brasileiro e paraguay, é verdade, ou os mesmos com significados differentes ; porém isso é da lei geral das linguas, devido á natureza differente que cerca os dous povos, e á sua posição geographica, que obriga a criação de nomes para designar o que um possui e outro não.

Na nossa lingua, no inglez-americano, no hespanhol da America do Sul, e mesmo entre o hespanhol das republicas do sul e as do equador, existem essas differenças.

A pronuncia de *yá*, de *iu* e *uá*, adoptada hoje como *já*, *gu* e *ba*, que consideram um erro, um vicio, não é mais do que um archaismo perpetuado, que nos mostra a prosodia pura da lingua sem a influencia estranha.



A orthographia castelhana não influiu só na prosodia, foi até a syntaxe e a etymologia.

Não quero que se reforme hoje a lingua, porém que se acceite, respeite e perpetue o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios, que não pôde ser destruida pelos conquistadores que abastardaram-lhes a raça, e que o nheengatú tome no Brasil o logar que os escriptores dão ao guarany, porque assim como o está é a lingua patria, e que os brasileiros escrevam com a prosodia e a orthographia nheengatú e não com a do guarany, mesmo para serem entendidos pelo povo rustico, que só conhece o que a tradição oral lhes ensina.

Basta, como disse o visconde de Araguaya, que a lingua se corrompa pela má prosodia do vulgo; não favoreçamos a corrupção com a orthographia contraria.

Em apoio do que tenho expellido chamo a mim uma autoridade, o autor do *Selvagem*, o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães, que diz: « Accrescente-se a isto que os missionarios hespanhoes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes, e comprehendendo-se com toda facilidade como o guarany, que não é sinão o tupy do sul reduzido á lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius, de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupy, o julgava no entretanto distincto do guarany. »

Couto de Magalhães diz que o Guarany é o tupy do sul reduzido á lingua escripta; eu affirmo que estes dous são o nheengatú do norte, corrompidos pela mesma escripta, pela má pronuncia, por sotaque e vicios estrangeiros.

Para quem se occupou destas cousas, e para aquelles que quizerem escrever o tupy e não o guarany, recommendo a obra o *Selvagem*; porque tirada a pronuncia do *o*, que nelle é substituido pelo do *u*, do sotaque paraense do vicio portuguez, e uma ou outra corruptella, tem-se quasi o abanheenga, a lingua dos nossos avós, que se estendia do norte ao sul, que devemos

respeitar e não desprezal-a pela corruptella guarany dos castelhanos.

E' preciso que se convençam aquelles, que conhecem a lingua geral só pelo que existe escripto, que não só a pronuncia, como a construcção grammatical que nos deixaram os mestres da lingua, não representam a verdade.

Aquella está cheia de enxertos de letras estranhas ; esta de casos, de verbos, com modos e tempos que os indios não têm, arrançados com as letras da tal pronuncia.

Duas corruptellas, pois, existem : uma feita pelos padres quando escreveram a lingua, o que deu logar ao guarany e ao tupy do sul, outra feita sobre o nheengatú, que daquelles se distanciou pelas más pronuncias dos missionarios e das tribus nheengaíbas, poderosamente auxiliadas pelos vicios de estrangeiros. Na minha « Advertencia » á *Poranduba* referi-me só ás corruptellas do nheengatú, comparado com o guarany ou tupy do sul escripto, mais puros por um lado ; e aqui das corruptellas do abanheenga, lingua mãe, que deram logar áquellas.

Lá comparei ligeiramente as corruptellas produzidas pelos annos e pela influencia popular sobre o tupy de Anchieta e de Filgueiras ; aqui tratei das corruptellas do abanheenga, que deu com mais pureza o nheengatú, que é expurgado das corrupções prosodicas dos mestres das linguas.

Classificando, pois, o que existe da lingua geral temos: o *abanheenga*, falla do indio primitivo, pura e mãe, que não foi escripta ; o *nheengatú*, falla boa primitiva e adulterada por aportuguezamento e cruzamentos ; o *tupy-portuguez ou do sul*, lingua viciada pela pronuncia e pela escripta ; *tupy-hespanhol* ou *guarany*, lingua transformada pela pronuncia e escripta hespanhola.

Quanto ás duas do sul, póde-se dizer que são linguas artificiaes, conservando-se a fórmula hespanhola do guarany mais pura do que o nheengatú, por não soffrido a acção de estrangeiros, ter sido fallada só por guaranys dominados só por hespanhoes, emquanto que

o nheengatú tem soffrido a acção e o embate dos diversos invasores do sertão contra as tribus nheengáibas, que pela força aprenderam o abanheenga.

Quando nos approximamos dos *omauás* ou *omaguas* dos jesuitas castelhanos, pelo Solimões, é que se vê a lingua menos eivada de vicios, approximando-se do abanheenga e fugindo do tupy do sul e do guarany. O guarany conserva pura a fórma hespanhola que outrora ouviu e aprendeu nas missões.

O nheengatú conserva a pronuncia primitiva, apenas abastardada por influxos populares, sendo apezar disso phonologicamente o mais puro.

Para mostrar que o nheengatú não se corrompeu perdendo o *b*, o *g* e o *j*, em que principalmente se afasta do tupy do sul e do guarany, basta ouvirmos alguns escriptores antigos, que, apezar de escreverem em portuguez, procurando aportuguezarem as palavras indigenas, conservaram a pronuncia corrente e vulgar de seu tempo, não se importando com a orthographia empregada pelos discipulos de Anchieta e Figueira.

Bento Teixeira Pinto, no seu *Dialogo das grandezas do Brasil*, em 1590, escreveu *maracaia*, *hyandaias*, *taiá*, *taioaba*, *payé-marioba*, etc., e não *maracajá*, *jan-daia*, *tajá*, *tajoba*, *pajamarioba*. *Taioba* é o nome que dão ainda a uma aroidea no Rio de Janeiro.

O ouvidor Ribeiro Sampaio em 1777 escreveu como pronunciavam: *Uapixana*, *Acayuná*, *Cauamé*, *Uaranacuá*, *Parauá*, *Uãtapeça* (rabo espesso), *Yapacani*, *Tuiuiu*, *Taiá*, e não *Guapixana*, *Acajuná*, *Cajamé*, *Guaranacuá*, *Paraguá*, *Guaiapeça*, *ƶapacani*, *Tujujú* e *Tajá*.

Em 1786, cem annos depois do padre Figueira, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e o governador Lobo d'Almada escreviam *Uarirá*, *uereré*, *Uayanás*, *Padauri*, *Cauaburi*, *Maiapeua*, *Uacaiari*, *Uacaris*, *Anauaiú*, *Parauá*, *Cayá*, *Cayú*, etc., e não *Guarirá*, *Guereré*, *Guayanás*, *Padaguiri*, *Caguaboris*, *Majapeba*, *Guacajari*, *Guacaris*, *Anaguaiú*, *Paraguá*, *Cajá*, *Cajú*, etc.

Em 1832 Monteiro Baena, que tudo procurou escrever com *j*, aportugezando as palavras, comtudo

respeita a pronúncia de muitas, e diz: *Uautás, Urariá, uapiri, uaruma, uauassu*, etc., e não *Guautás, Gurariá, guapiri, guaruma, baguassu* ou *babaçu*.

O que frisa bem a pronúncia indígena está nesta sua phrase: « *Hiautiboia*, cobra que enovella-se, formando um disco de maneira que figura um *jaboty*. » Este o índio pronuncia *yauty*.

Dou aqui uma phrase abanheenga puro, pela qual se pôde comparar as diferentes mudanças que soffreu o abanheenga, pelo influxo dos portuguezes e castelhanos, e o que soffreu pela má pronúncia e sotaques que deu o nheengatú:

*Uirá etá o nheengar koem pirang aramé tuichaua tuyuaé rok opé aetá iuká uad.*

« Ao romper da aurora cantam os passaros na casa do velho chefe que mataram. »

PORTUGUEZ	<b>Abanheenga</b>			
	<b>NORTE NHEENGATU'</b>		<b>SUL TUPY E GUARANY</b>	
	PARÁ	AMAZONAS	COSTA DO BRASIL	PARAGUAY
Os passaros cantam m a n hã vermelha (aurora) quando chefe velho casa na elles mataram que	Uirá itá u nheengare kuema piranga rami tuchaua túiaé ruca upé aitá iuká uaá	Uirá etá nheengare koema piranga ramé tuichaua tuyuaé roca opé aetá iuká uaá	Guiretá o poracei coema piranga ramé tubichaba tuidae oc- ipe  juçaça- goera	Guyraheta mborahei coé pirá ramó tubichá tuyabae og- ape  ayuca- cué

#### OBSERVAÇÕES

As letras grifadas no nheengatú são as corrupções populares, e as do tupy e guarany são as introduzidas pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que deram nova phonologia á lingua. A orthographia destes dous ultimos é a de Anchieta e de Montoya. No Amazonas *porahé* ou *poracé* é—dansar cantando, e *nheengare*—cantar simplesmente. No sul dansar é *yéroquy*. *Yeroky* são os cantos guerreiros das tribus selvagens.

Baseado pelo estudo do que ha escripto, e na observação que tenho feito entre indios e tapuyos de Santarém, Villa Franca, Ereré, Jamundá, Rio Negro e Solimões, cheguei á conclusão do que expuz nestas paginas, que me foram confirmadas pela leitura em pesquizas de manuscriptos do seculo passado do antigo archivo da camara de Barcellos, antiga capital da capitania do Rio Negro, de tabelliães, officiaes de justiça, camaristas, ouvidores, testemunhas, etc., que para esse fim compulsei, para ver como no seculo passado eram pronunciadas as palavras por lettrados e illetrados, e como as escreviam.

Apezar das missões prégadas em lingua ás vezes adulterada, ainda por esses manuscriptos se vê que o povo pronunciava a palavra sem a influencia estranha.

Pelo que tenho observado, razão têm aquelles que pensam que os jesuitas foram os creadores da lingua.

Com effeito, si não crearam os vocabulos da lingua, modificaram-lhe a syntaxe e a prosodia, estabelecendo uma construcção grammatical á latina e uma orthographia especial, que se perpetuou, mascarando a verdadeira pronuncia indigena e alterando a maneira de seu fallar.

A grammatica dos missionarios é toda artificial e não natural, permitta-se-me o dizer.

Bem disse o Dr. Martius : « Anchieta, Manoel da Vega e outros jesuitas que estabeleceram a lingua dos tupys por escripto, e que fixando as regras grammaticaes, *augmentando e modificando-a*, puzeram os fundamentos daquella lingua geral, etc . »

E' exacto ; augmentaram, modificaram e puzeram os fundamentos de uma linguagem que não é a que fallavam os tupys, e sim a que fallam os seus descendentes do sul, que aprenderam com as lições dos padres latinistas, que não admittiam lingua sem ser moldada pela latina.

Compare-se o fallar dos netos dos tupinambás, que se estabeleceram no Amazonas, com o dos avós que foram para o sul, e ver-se-á a differença. Os padres ensinaram a lingua áquelles que fallavam dialectos differentes, porque os que fallavam a lingua geral esses a ensinaram aos padres.

Os que fallavam o abanheenga continuaram a fallar como dantes e á sua posteridade passaram a sua lingua-gem ; mas, aquelles nheengaíbas ou missionados que aprenderam a lingua, esses aprenderam-a com as pronuncias castelhanas e portuguezas, e assim tambem transmittiram a seus filhos.

Dahi vem que no Amazonas, onde dominaram os tupinambás, a lingua é mais pura, e onde houve missões ella está degenerada.

Sinto estar em desaccordo nisso com o meu finado amigo o sabio guaranylogo Baptista Caetano.

Disse este, nos *Ensaíos de Sciencia*, censurando o Dr. Martius :

« Os padres jesuitas, e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua fallada pelos selvagens, afim de poderem prégar-lhes a doutrina. »

Inteiramente o contrario se dava.

Em todos os collegios, sempre que chegavam novos missionarios, eram obrigados a aprender a lingua geral para ensinal-a ás tribus nheengaíbas, isto é áquellas que não fallavam o tupy. Tanto assim é que, no Amazonas, todas as tribus que ainda existem com dialectos muito diversos e que foram missionadas, fallam a lingua geral. Os mundurukus, mauhés, tukanos, deçanas, tikunas, arauakys, parikys, etc., todos fallam a lingua geral que aprenderam. Ainda ouvi uma ladainha e orações em lingua geral, recitadas por parikys, que têm um dialecto muito especial. <sup>12</sup>

Onde estão as grammaticas ou mesmo os vocabularios destes dialectos que nos deixaram ?

O pouco que ha é feito por viajantes e naturalistas. Os padres só nos deixaram grammaticas e doutrinas em

<sup>12</sup> Era necessario que a lingua fosse uma em todas as missões, afim de que qualquer padre a entendesse. Mudados constantemente, seria necessario que os missionarios fossem polyglotas para poderem administrar as missões com dialectos diferentes, e nas quaes viviam se substituindo.

guarany ou tupy. Isso se prova com a carta régia de 19 de Oitubro de 1797, que prohibiu expressamente aos missionarios praticarem com os indios na referida lingua e ordenou que só se lhes devia ensinar o portuguez.

O tupy, entre as nações selvagens, fazia o papel do latim entre as civilizadas.

Em conclusão o nheengatú está completamente modificado pelas pronuncias viciadas de estrangeiros e pela orthographia pronunciativa; porém encerra o cunho principal da phonologia primitiva, emquanto que o tupy do sul e o guarany, considerados como typo da lingua primitiva, estão mais corruptos, porque perderam a prosodia propria.

No Paraguay até bem pouco tempo esteve inalteravel essa linguagem dos missionarios, porque interdicta era por assim dizer a immigração estrangeira; porém hoje, depois que lhe demos a liberdade, dar-se-á o mesmo que se deu no nheengatú, que soffreu a consequencia linguistica do contacto com pessoas não cultas e de varias nacionalidades. Para o futuro o guarany será muito mais viciado do que será o nheengatú. Felizmente hoje, no Amazonas, já ha um paradeiro ; a lingua está no que era, porque já se não falla.

Mas, triste paradeiro !

E' o marco milliaro da morte, porque ella vae desaparecer com aquelles que a exercitavam !

Como um protesto, pois, contra a falta de patriotismo daquelles que desprezam a lingua patria pela estranha, ficam estas paginas, em que reivindico a pronuncia dos senhores da terra que me embalou e guardará meus despojos, com o favor de DEUS.

J. BARBOSA RODRIGUES.

Manãos, 25 de Dezembro de 1887.

---

N. da R.

Numa memoria apresentada ao Instituto, *Novas Investigações sobre Matto-Grosso*, aventei a idéa de, — pela difficuldade sinão impossibilidade de conhecer-se,

á simples leitura, o valor prosódico do *i* final dos vocabulos brasileiros—admittir-se este sómente para as terminações breves e o *y* para as longas, ficando exceptuado o dos diphtongos em *ay*, *ey*, *oy* e *uy* por não haver duvida na pronuncia, visto predominar a tónica na primeira vogal.

Assim, ler-se-á, a primeira vista e sem erros nem duvidas, Beni, A'keri, Caciquiari, Demineni, Ucayali, Padauri, Bacahirys, Parecys, Cabixys, Acarahy, Jacarehy, Timbohy, Sarapuhy e Paraguay, Igurey, ti-poy, etc.

Ora, tendo adoptado essa regra, é dever declarar, em satisfação ao illustrado autor desta memoria o Sr. Dr. B. Rodrigues — que fez-se essa ligeira modificação do *i* final longo para *y*, obrigado pela uniformidade da redacção,—e uma vez que não alterava o sentido dos vocabulos.

J. SEVERIANO DA FONSECA.



## CORRIGENDA

---

São estes os principaes erros que necessitam de emenda :

A' pag.	77	—	linha	26	—	aracyaua	—	por	—	araçoyaua
»	77		»	31		<i>guyle</i>		»		<i>guyb</i>
»	112		»	2		1753		»		1752
»	113		»	3		1753		»		1752

No retrato do marechal Cunha Mattos em vez de 24 de Fevereiro —  
lêa-se — 2 de Março.

---

---